

Carta de Ano Novo 2024 do Bispo Paulo Otsuka
CRIANDO MINHA SINODALIDADE - Parte II
O Sínodo: “Caminho” e “Pousada” da Missão

Introdução

O XVI Sínodo Ordinário, que começou em 2021, terminará com uma segunda Assembleia Geral em outubro de 2024. O objetivo deste Sínodo é que a Igreja moderna redescubra a sinodalidade como a sua essência. O Papa Francisco identificou três eixos como temas centrais deste Sínodo: Comunhão, Participação e Missão. Estes três eixos estão intimamente relacionados e têm influência mútua, pelo que devem ser considerados como um todo.

Na minha carta de Ano Novo do ano passado, “Criando a minha sinodalidade”, propus a todos os que vivemos na era do coronavírus, refletir sobre a “comunhão com os outros, a participação na sociedade, dar testemunho da fé na nossa vida diária e em fazer da sinodalidade a base das nossas vidas.”

A pandemia da COVID-19 afetou gravemente pessoas em todo o mundo. Muitos ficaram gravemente doentes ou morreram, e milhares de milhões de pessoas sofreram dificuldades financeiras. Mesmo no meio da crise, houve inúmeras pessoas que estenderam a mão aos necessitados, em vez de procurarem apenas fazer coisas para o seu próprio benefício ou o da sua nação. Este ano, à medida que a pandemia finalmente chegue ao seu fim, quero aproveitar o Sínodo como uma oportunidade para refletir sobre o tipo de conversão que será necessária fazer para que a Igreja Católica no Japão evangelize de acordo com o espírito do Sínodo.

1. Qual é a missão que persegue o Sínodo?

O Concílio Vaticano II declarou que “a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano.” (ver *Lumen Gentium*, Constituição Dogmática sobre a Igreja, 1). Quando dizemos que a Igreja é um instrumento do plano de salvação de Deus, não significa que ela cristianiza unilateralmente o mundo. A Igreja sinodal procura estar aberta ao mundo e dialogar com o mundo. Em outras palavras, Deus trabalha no mundo através da Igreja, mas não como um simples fluxo entre [Deus \Rightarrow Igreja \Rightarrow Mundo], senão mediante uma interação entre [Deus \Rightarrow o mundo \Leftrightarrow a Igreja].

Deus envia à Igreja para interagir com o mundo ao longo da história, para salvar a humanidade que perdeu a sua relação com Deus por causa do pecado original. Portanto, a Igreja Sinodal não está fechada ao mundo, mas “caminha junto”, olhando para a realidade do mundo e buscando constantemente novos caminhos para cumprir a missão que Deus lhe confiou, através de encontros e diálogos com as pessoas contemporâneas. Em vez de tentar enfrentar os desafios da Igreja na sociedade moderna transformando as instituições da Igreja, a sua organização e a forma como os crentes nela participam, este sínodo procura regressar à missão do reino revelada por Jesus. Nosso objetivo é explorar o significado e os métodos do trabalho missionário hoje a partir desta perspectiva.

2. Imagens Missionárias Interativas de "Caminho" e "Pousada"

No capítulo 2 da sua encíclica *Fratelli tutti*, de 2020, “Um estranho no caminho”, o Papa Francisco explica a parábola de Jesus sobre o Bom Samaritano (Lucas 10:25-37) a partir de uma perspectiva moderna. Gostaria de explorar a origem da missão concentrando-me no “Caminho” e na “Pousada” desta parábola.

No “caminho” que descia de Jerusalém a Jericó, havia um judeu que foi atacado por ladrões e ficou gravemente ferido. O sacerdote e o levita que vinham por aquele “caminho” passaram para o outro lado da estrada quando avistaram o ferido. Aqueles de quem se esperava que guardassem a lei de Deus e o ensinassem aos outros, negaram-se ajudar o irmão. O “caminho” tornou-se um lugar de pessoas insensíveis. Quando o samaritano que vinha pelo mesmo “caminho” viu o homem caído, teve compaixão dele e não passou por alto, apesar de perceber que o ferido era judeu. Ele lavou suas feridas com óleo e vinho, enfaixou-o, montou-o em seu animal de carga e levou-o para a “pousada” mais próxima. Depois entregou dinheiro ao pousadeiro e pediu-lhe que cuidasse do ferido, prometendo voltar. O samaritano não só ajudou o homem ferido, mas também pediu a ajuda de outra pessoa.

O “caminho” tornou-se lugar de acontecimentos e encontros inesperados para o samaritano; e a “pousada” tornou-se um lugar de solidariedade pelo cuidado outorgado. Do ponto de vista evangélico, o “caminho” tornou-se um lugar de encontro com o desígnio e a graça de Deus, e a “pousada” tornou-se um lugar de comunhão para partilhar o amor de Deus. Desta forma, o “caminho” e a “pousada” tornaram-se símbolos da obra de Deus na missão do Samaritano.

3. Tornar-se próximo sem limites

Quando Jesus perguntou: “Que está escrito na Lei? Como é que lês?” (Lucas 10:26); um especialista na lei tentando mostrar seu conhecimento cita um resumo da lei e responde: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento; e a teu próximo como a ti mesmo” (Lucas 10:27). Contudo, o perito na lei, a quem Jesus pediu para praticar isso, tentou justificar-se perguntando: “E quem é o meu próximo?” Então, Jesus contou-lhe sobre um homem que se tornou próximo, através de uma parábola.

O especialista na lei acreditava que seu próximo era apenas aquele que tinha a mesma fé e guardava a lei, assim como ele. Por isso, embora existam pessoas que devem ser amadas, também existem pessoas que não deveriam ser amadas. As pessoas que vivem em retidão como ele são seres humanos a quem Deus ama, e os seres humanos a quem Deus ama deveriam amar-se uns aos outros, mas não precisam amar os pecadores aos quais Deus odeia e rejeita. Ele não tinha dúvidas sobre isso. No entanto, Jesus disse que não devemos decidir quem é o nosso próximo e depois “procurá-lo”, mas que devemos “tornar-nos” próximos das pessoas que encontramos, e que amar o nosso próximo significa tornar-nos próximo. Jesus dissipou a ideia de “limitar aos amigos e vizinhos” a definição de quem é o nosso próximo.

O samaritano poderia ter abandonado o judeu ferido, pois seu povo era discriminado pelos próprios judeus, mas, sentindo empatia pelo sofrimento da vítima, decidiu superar seus preconceitos e se dispor a se contaminar. Jesus ensina que ser próximo significa estender a mão para a pessoa que você encontra na rua,

independentemente de ser ou não seu inimigo, um estranho ou alguém que é problemático para você.

4. O modelo da Igreja sinodal é Jesus

A estrada de Jerusalém a Jericó era uma rota perigosa, cheia de montanhas alcantiladas, com pouca gente circulando e muito famosa pelos frequentes ataques de ladrões. Quando alguém se depara com um incidente em tal lugar, não há ninguém a quem pedir ajuda e qualquer transeunte poderia passar sem se preocupar com a atenção de ninguém. O sacerdote e o levita priorizaram a própria segurança e evitaram a contaminação religiosa, por isso não se aproximaram do homem caído e ensanguentado, abandonando-o.

Por que, então, apenas o samaritano que percorreu o mesmo “caminho” sentiu compaixão do homem caído? É porque Jesus se comparou a um samaritano. O verbo usado para expressar esse “sentir compaixão” do samaritano é um verbo grego usado apenas para se referir a Jesus, “spranknisomai” (que significa “torcer o fígado”), que expressa a profunda misericórdia de Deus. O samaritano é o próprio Jesus personificando a misericórdia de Deus. A base de toda a pregação de Jesus sobre o reino de Deus foi o seu amor pelo seu Pai celestial e a sua compaixão ilimitada pelos outros. A atitude do samaritano, rejeitado pelos judeus, despreocupado com sua própria segurança e interesses enquanto ajudava o judeu que estava à sua frente, foi uma profecia de Jesus, que foi condenado ao ostracismo em Jerusalém, aceitando o sofrimento e a morte.

A parábola do Bom Samaritano não aparece em nenhum dos outros evangelhos, mas esta história simboliza a vida de Jesus, o Salvador. Jesus percorreu o “caminho” da Galiléia até Jerusalém para cumprir a missão que Deus lhe havia confiado. Ao longo do caminho, Jesus conheceu diversas pessoas e se identificou com seus sofrimentos e dificuldades. Ele os curou e mostrou a sua misericórdia, como o Bom Samaritano, com aqueles que necessitavam do amor e da graça de Deus.

5. A Igreja do encontro é um hospital de campanha

O Papa Francisco situa a parábola do Bom Samaritano no contexto mais amplo das relações humanas, que ele chama de “fraternidade” e “amizade social” (cf. Fratelli tutti). Trata-se de respeitar a dignidade humana e o bem comum, de superar a discriminação e a exclusão e de promover o diálogo e a cooperação.

Desde o início do seu ministério, o Papa Francisco sublinhou que a Igreja deve sair ao encontro das pessoas. “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! ... Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças.” (Exortação Apostólica A alegria do Evangelho, 49).

Na Igreja de hoje, centrada na liturgia, não prestamos atenção suficiente às realidades do mundo e acomodamo-nos na carapaça da nossa fé interior, isolados da vida real. Por isso precisamos sair da nossa zona de conforto (nossa vida pessoal) e entrar no “caminho”, vendo quem sofre, quem é isolado, explorado, discriminado, quem sofre injustiças na sociedade, etc. O Papa chama a atenção para os marginalizados da sociedade porque é aí onde o Espírito Santo atua e o amor e a misericórdia de Deus se manifestam.

O Papa também compara a Igreja a um hospital de campanha. Em vez de permanecer nas nossas instituições e tratar apenas de quem nos procura, a Igreja deve tornar-se aquela “pousada” que acolhe todos aqueles que sofrem e enfrentam dificuldades, proporcionando-lhes assistência material e, sobretudo, cuidado espiritual. Que tipo de igreja queremos ser? Queremos ser uma igreja omissa como o sacerdote e o levita? Ou uma igreja que, como o Bom Samaritano, se torna companheira?

6. Evangelização sem barreiras

A “estrada” que percorremos é um lugar onde diferentes pessoas caminham juntas. As pessoas que ali encontramos não são apenas aquelas que vivem no mesmo lugar e sociedade que nós, mas também pessoas que têm culturas e valores diferentes dos nossos. Os preconceitos derivados das diferenças de cultura, nacionalidade e ideologia, bem como a discriminação baseada na deficiência e no gênero, perturbam a paz e a harmonia do “caminho” e violam a dignidade e os direitos das pessoas.

A Igreja Sinodal torna-se vizinha dos marginalizados da sociedade, demonstrando amor e empatia. Tornar-se vizinho significa tentar respeitar e compreender as perspectivas e os sentimentos dos outros, em vez de nos apegarmos aos nossos próprios interesses e posições. O caminho sinodal é uma oportunidade para que pessoas diversas aprendam a conviver juntas. Neste sentido, a Igreja Sinodal aspira a criar uma sociedade sem barreiras, que transcenda os limites da divisão e proteja a dignidade humana. Porque todas as pessoas são irmãos e irmãs diante de Deus, não devemos competir uns com os outros ou procurar viver uma vida egocêntrica, mas devemos ajudar-nos uns aos outros no sofrimento e nas dificuldades, para criar uma sociedade sem barreiras.

O ser humano protege-se instintivamente de quem o ataca, mas ao fazê-lo cria muros em sua mente, além de estabelecer barreiras físicas. Eles odeiam, discriminam, desprezam, intimidam, evitam, atacam, excluem e eliminam a outros. Além disso, existem muros ao nosso redor dos quais não temos consciência. Por exemplo, as pessoas que utilizam cadeiras de rodas enfrentam obstáculos e inconvenientes que são invisíveis para os outros. Ao ouvir as suas vozes e nos colocarmos no seu lugar, podemos criar uma sociedade mais justa e confortável. As barreiras na sociedade privam as pessoas da sua dignidade e potencial.

Uma visão evangélica, baseada no amor e na justiça de Deus, é sensível à desigualdade e à discriminação social. A escuta evangélica reconhece os gritos dos fracos e marginalizados, em vez de cuidar apenas dos próprios interesses e conforto.

7. Zelo missionário

Através do batismo fomos incorporados à família de Deus e, através do Sacramento da Confirmação, recebemos a missão, como discípulos de Cristo, de pregar o Evangelho a todas as pessoas. A nossa fé não deve ser guardada só para nós, deve ser partilhada com aqueles que nos rodeiam. A evangelização é uma graça de Deus e um serviço a Deus, e participar na missão ajuda a aprofundar a nossa própria fé.

A evangelização no Japão enfrenta dificuldades para aumentar o número de batizados, mas se você tem consciência de que Deus te chama para a missão e é apaixonado por transmitir o amor e a graça de Deus ao povo do Japão, podes assumir a

responsabilidade de realizar parte do plano de Deus, dedicando tuas habilidades e talentos a Deus, compartilhando a alegria de trabalhar para Sua glória.

Desde a pós-guerra até ao presente, muitos sacerdotes e religiosos deixaram os seus países de origem para virem ao Japão como missionários na diocese de Quioto. Eles se esforçaram para aprender a difícil língua japonesa e dedicar suas vidas a transmitir o amor de Deus e a sua graça salvadora na sociedade japonesa, onde existe pouca cultura cristã. Os encontros com estes missionários constituem uma grande fonte de inspiração para muitos de nós que tínhamos menos consciência da missão.

Além disso, os crentes estrangeiros que vivem no Japão, desempenham um papel missionário vivendo o amor de Deus e mantendo ao mesmo tempo a fé cultivada nas suas terras nativas. Trazendo nova vitalidade, constituem uma grande bênção para a Igreja Católica no Japão. Através da interação com crentes estrangeiros, os católicos japoneses experimentam diversas manifestações de fé, sentem-se parte da Igreja Católica (universal) e recebem força para viver a sua fé na sua vida cotidiana.

8. O que significa ser uma Igreja que escuta a Palavra?

Jesus, que foi enviado para pregar o evangelho aos pobres (cf. Lucas 4:18), nasceu entre os pobres, caminhou com os pobres e serviu os pobres. Ele ensinou que nossa atitude para com os pobres é realmente nossa atitude para com ele (ver Mateus 25). A evangelização não deve ser apenas uma questão de palavras, mas também de ações que cheguem aos vulneráveis e necessitados, compartilhando o seu sofrimento.

Jesus não usa a parábola do Bom Samaritano para ensinar ao especialista na lei como obter a vida eterna amando a Deus e ao próximo de todo o coração e sendo próximo de todos que encontra na estrada. Em vez disso, Jesus lhe pergunta: “Você realmente leva a sério o que sabe e vive de acordo com isso?” Mesmo conhecendo os ensinamentos de Jesus, mas, ao invés de tentar viver de acordo com eles, você cai na tentação de dar desculpas, justificar-se e defender-se? É importante que a Igreja Sinodal continue a ouvir esta pergunta de Jesus, seguindo-o fielmente e mostrando a verdade da nossa fé.

9. A Igreja Sinodal e a imperfeição

A Igreja Católica moderna está a experimentar uma falta de entusiasmo missionário dentro da Igreja e uma perda de confiança no clero. Os abusos sexuais e os escândalos relacionados com o poder e o dinheiro diminuíram a autoridade moral e o papel social da Igreja. A Igreja é chamada a reconquistar a confiança dos crentes e da sociedade, reconhecendo os erros, pedindo perdão às vítimas, prometendo fazer justiça e mostrando uma atitude mais inclusiva e tolerante para com todos.

Uma Igreja sinodal é aquela em que os seus membros procuram juntos e humildemente a vontade de Deus, assumem a sua responsabilidade como parte do corpo de Cristo e trabalham juntos para cumprir a vocação da Igreja. A Igreja sinodal é também um lugar onde os membros reconhecem, partilham e aceitam as suas deficiências e fraquezas, sem as esconder. Para isso, respeita a diversidade dentro da Igreja e enfatiza o diálogo e a compreensão mútua. Uma Igreja sinodal também mostra abertura ao mundo fora da Igreja. Ao buscarmos a misericórdia de Deus todos os dias, respeitamos uns aos outros e procuramos descobrir como o Espírito de Deus trabalha em nossas vidas e nas

vidas de outras pessoas. Individual, comunitária e pastoralmente, devemos caminhar numa atitude de conversão e reforma.

10. Maria correu apressadamente para a região montanhosa (Lucas 1:39)

Fiéis ao tema da Jornada Mundial da Juventude 2023, em Lisboa, queremos aprender com a fé de Maria, ouvir a Palavra de Deus, seguir a orientação do Espírito Santo, estar ao lado de quem se encontra em circunstâncias difíceis e partilhar o amor e a alegria de Deus. Maria correu apressadamente ao encontro de Isabel, que estava velha e grávida. As duas louvaram a graça de Deus no outro e aceitaram humildemente a obra de Deus, sem importar o seu status ou posição. Como Maria, nós que aspiramos ser uma Igreja sinodal, queremos buscar a vontade de Deus, participar do plano de Deus e escolher viver como filhos de Deus.

Difundir o Evangelho não é algo que cabe apenas à comunidade cristã da Igreja, mas, pode-se dizer que é uma missão que toda a humanidade deve cumprir em conjunto. Todos nós recebemos o amor e a graça de Deus. Essa é a fonte da nossa obrigação de partilhar essa graça com os outros. É hora de a Igreja sinodal acelerar o nosso caminho, compreendendo a urgência de trazer o evangelho de Jesus ao nosso tempo. A Igreja Sinodal valoriza tanto o “caminho” como a “pousada” e trabalha na esperança da vinda do Reino de Deus. O “caminho” é envolver-se na vida das pessoas e da sociedade e partilhar a fé através do diálogo e do intercâmbio. A "pousada" é um lugar onde as pessoas se reúnem, rezam juntas e crescem juntas.

Ao partilhar as bênçãos da nossa fé com pessoas de todas as religiões, aprendemos uns com os outros a incorporar o amor de Deus que transcende barreiras geracionais, de classe, étnicas e outras, buscando encontros concretos que envolvam aqueles que são diferentes de nós, permitindo-nos assim trabalhar pela unidade e pela paz do mundo.

✠ Paulo Yoshinao Otsuka
Bispo de Quioto
Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus
1º de janeiro de 2024